

O drama palestino: espoliação de terras, *apartheid* e genocídio

Camilo Pereira Carneiro

Da Universidade Federal de Goiás – Goiânia – Goiás – Brasil
camilo.pereira@ufg.br

Tomás Mols

Universidade Federal de Goiás – Goiânia – Goiás – Brasil
tomasmols15@gmail.com

Resumo: Em outubro de 2023, o histórico conflito entre Israel e Palestina, iniciado em 1948, ganhou as manchetes da imprensa internacional. Não obstante, a narrativa da grande mídia ocidental sobre o tema omite o que está por trás do revide desproporcional do governo de Israel aos ataques do grupo Hamas, relativiza a campanha de genocídio contra os palestinos e o escalonamento do conflito pelo primeiro-ministro Netanyahu. Face à complexidade do tema, o presente artigo busca, por meio de uma análise geopolítica do drama palestino, evidenciar o processo de *apartheid* e o genocídio que são acompanhados pela espoliação de terras por parte do Estado de Israel.

Palavras-chave: Palestina. Sionismo. *Apartheid*. Genocídio.

Introdução

O conflito entre Israel e Palestina voltou a ser assunto prioritário da mídia corporativa ocidental (proveniente dos EUA e da Europa Ocidental) a partir dos ataques do grupo Hamas no dia 07 de outubro de 2023, que mataram mais de 1,2 mil pessoas, entre militares e civis israelenses. A resposta de Israel ao massacre foi uma campanha de genocídio, implementada em sequência, que passou a ser transmitida ao vivo nas mídias sociais e canais de tv de todo o mundo desde então. De acordo com informações da *Radio France Internationale* (RFI), em 6 de julho de 2025, vinte e um meses após o ataque terrorista de 7 de outubro, pelo menos 57.418 palestinos haviam sido mortos, a maioria civis. Ainda segundo a RFI, investigações independentes apontam que estes números estão muito abaixo dos verdadeiros, pois há pessoas soterradas nos escombros de Gaza (RFI, 2025).

Não obstante, a cobertura midiática da grande mídia ocidental não apresenta adequadamente a longa história da região em disputa e sua narrativa, nitidamente favorável a Israel, vem sendo difundida internacionalmente. Nesse sentido, em países como o Brasil, os grandes veículos de comunicação reproduzem esta versão dos fatos, de forma superficial, incompleta e enviesada. No país, apesar de muito difundido, o assunto

continua sendo pouco debatido de forma aprofundada. Dessa forma, o presente artigo se propõe a colocar luz sobre os principais pontos desta questão geopolítica e para tanto se embasa em autores como Breno Altman (2023), Erit Peled-Elhanan (2019; 2023a; 2023b), Ilan Pappé (2022), Edward Said (2011), Shlomo Sand (2010) e Noam Chomsky (2017; 2023), grandes estudiosos do tema, que fornecem uma importante contribuição acadêmica para a compreensão de um assunto extremamente complexo.

Inicialmente, este artigo traz um histórico da formação da Palestina e, posteriormente, do Estado de Israel. Na sequência, o texto aborda o surgimento e a consolidação do movimento sionista na Europa e no mundo. Por fim, é focado o sistema de *apartheid* imposto por Israel aos árabes palestinos desde 1948 (Altman, 2023) até o genocídio¹ implementado a partir de outubro de 2023 pelo governo Netanyahu. Referente à metodologia, o presente trabalho configura uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, pautada em análise bibliográfica e documental.

Contexto histórico

Uma parte da tragédia do povo palestino se deve ao fato de que ele não possui apoio internacional. Isso porque os palestinos não têm riqueza, não possuem poder e assim não têm direitos. É dessa forma que o mundo funciona, os direitos de um povo correspondem ao poder e à riqueza que este possui (Chomsky, 2023).

A tragédia palestina teve início em meados do século XX, a partir de 1948, com a *Nakba* (a “catástrofe”, a limpeza étnica de árabes da Palestina a partir daquele ano, por meio de expulsões, desapropriação de terras e da proibição por parte de Israel do direito ao retorno dos refugiados palestinos e seus descendentes), resultando em mais de 400 vilarejos palestinos destruídos ou despovoados a força e mais de 750 mil palestinos expulsos de suas casas e deslocados de suas terras (IMEU, 2023).

Entretanto, a *nakba* foi apenas consequência de um plano político do fim do século XIX, que aos poucos foi sendo colocado em prática. Antes do Estado de Israel ser criado em 1948, os judeus compunham aproximadamente 33% (608 mil) da população de 1.8 milhão da Palestina em 1946, de acordo com o relatório de 1947 do Comitê Especial das Nações Unidas para a Palestina (ONU, 1947).

¹ O Governo Federal do Brasil, por meio do Presidente da República, declarou em 5 de junho de 2025, que o que estava ocorrendo na Faixa de Gaza era um genocídio, a morte de mulheres e crianças que não estavam participando de guerra (CNN, 2025).

Tabela 1 – Populações na Palestina antes da criação do Estado de Israel

Ano	Grupo				
	Muçulmanos	Judeus	Cristãos e outros	Percentual de judeus	Total
1922	486.177	83.790	79.081	13%	649.048
1931	493.147	174.606	299.008	18%	966.761
1941	906.551	474.102	138.294	31%	1.518.947
1946	1.076.783	608.225	160.551	33%	1.845.559

Fonte: ONU, 1947. Adaptado pelos autores, 2025.

No mesmo ano, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Partilha da Palestina. Na decisão, a ONU definiu que 53% das terras ficariam sob domínio israelense, enquanto 47% estariam sob controle da Palestina (Altman, 2023), que nunca teve as condições de formar e tornar reconhecido internacionalmente um Estado nacional. Os eventos subsequentes à partilha na região foram marcados por guerras e injustiças contra o povo palestino, que apenas perdeu terras e vidas. Segundo a Organização das Nações Unidas, atualmente, os palestinos são a maior população de refugiados do mundo, com 5,9 milhões de indivíduos (ONU, 2025a).

Na figura 1 podem ser observadas as colônias judaicas no território palestino no ano de 1947 (antes da partilha), bem como a configuração territorial pós-Guerra dos Seis Dias (1967), até os dois territórios separados que reúnem hoje áreas habitadas pela população palestina: a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

O estabelecimento do Estado de Israel sobre terras palestinas e a ampliação da dominação do território palestino pelos israelenses têm sido acompanhados de um sistema discriminatório imposto aos palestinos que equivale ao *apartheid* pelo direito internacional (Said, 2011). Corroborando tal entendimento, a Anistia Internacional classifica este sistema, que é mantido por violações, como *apartheid*, tendo em vista que envolve apreensões massivas de terras e propriedades palestinas, assassinatos ilegais, negação de nacionalidade e cidadania aos palestinos, restrições de movimento e transferências forçadas. Cabe destacar que de acordo com o Estatuto de Roma e a Convenção do Apartheid, o *apartheid* é um crime contra a humanidade (Amnesty International, 2022).

O contraste da qualidade de vida de israelenses e palestinos pode ser evidenciado pela observação do ranking de IDH (índice de desenvolvimento humano). Em 2023, Israel era o 27º país (índice de 0,919) em qualidade de vida, logo à frente da Espanha, enquanto a Palestina figurava em 133º (índice de 0,674), empatada com Guiné-Equatorial (ONU, 2025b).

É importante ressaltar que a tomada de terras e a imposição de um regime de *apartheid* por parte dos sionistas tiveram como resposta a resistência palestina, que envolveu a violência política por meio de diferentes ações (Said, 2011). Ocorreram manifestações espontâneas da população palestina contra a ocupação israelense, chamadas de Intifada – a primeira ocorreu de 1987 a 1993, a segunda de 2000 a 2005 –, além de atos como a detonação de carros bomba, o sequestro de aviões, atentados suicidas, atropelamento, bem como ataques a faca ou a mão armada a alvos civis e militares de Israel. Segundo Said (2011), os objetivos dessas ações eram a autodeterminação e soberania da Palestina, o reconhecimento de um Estado nacional palestino, a libertação de prisioneiros e o direito palestino ao retorno

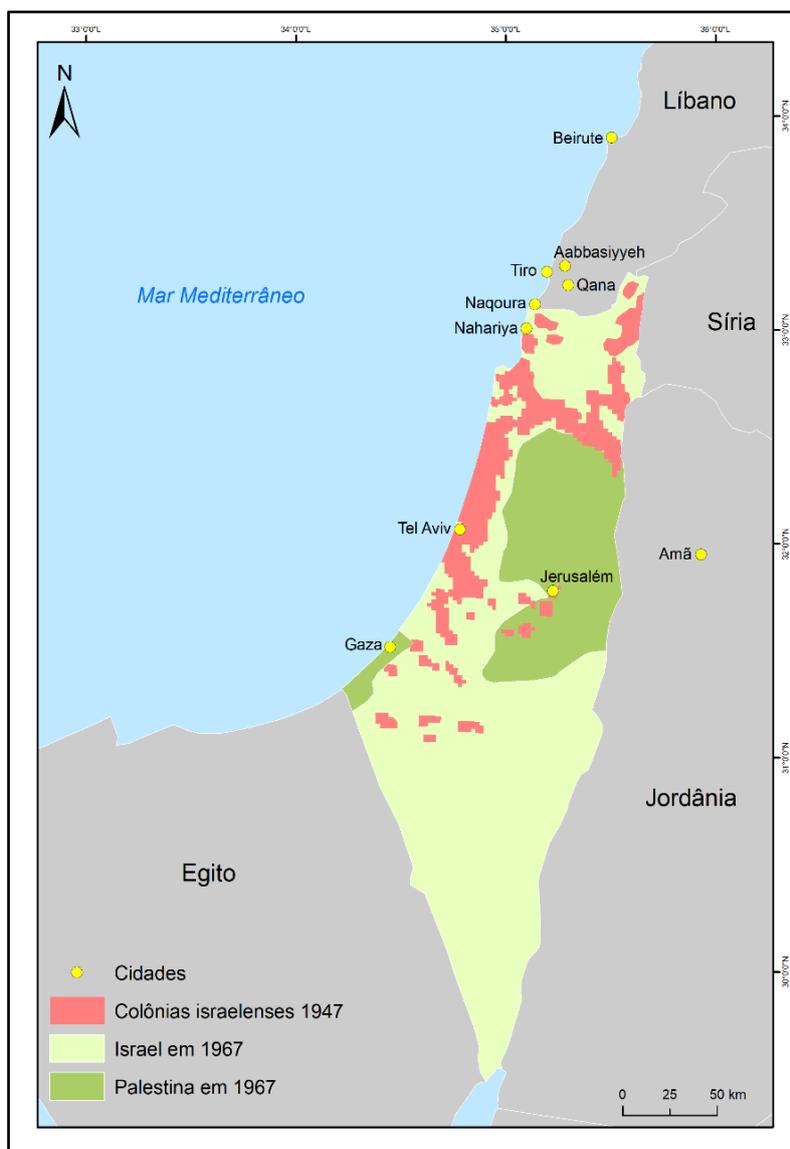


Figura 1 – Colônias judaicas em 1947 e território de Israel pós-Guerra dos Seis Dias
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A violência política palestina, levada adiante por palestinos de forma individual ou por grupos organizados – como a OLP, a Fatah, a Frente Popular para a Libertação da Palestina, a FPLP-GC, a Frente Democrática para a Libertação da Palestina, a Organização Abu Nidal, a Jihad Islâmica e o Hamas –, tem sido divulgada na grande mídia ocidental como atos de terrorismo, sendo muitas dessas entidades palestinas consideradas organizações terroristas por países como os EUA, o Canadá, o Reino Unido e a União Europeia. Contudo, os atentados cometidos contra alvos de Israel são divulgados na grande mídia ocidental por meio de uma narrativa maniqueísta que deixa de mencionar o tratamento humilhante e desumano recebido pela população palestina pelas forças de ocupação de Israel, assim como as respostas das IDF (*Israel Defence Forces* – as forças armadas israelenses), com bombardeios com jatos F-15, fornecidos pela estadunidense Boeing, uso de tanques de guerra e *snipers* contra a população civil palestina.

Importa mencionar que a população palestina nos territórios controlados por Israel sofre com massacres frequentes cometidos pelas IDF, além disso, Israel impõe o controle absoluto de todas as dimensões da vida cotidiana palestina, demolições de casas, prisões arbitrárias, inclusive de crianças, construção de um muro² desde 2002, que separa a Cisjordânia de Israel e com os quais os sionistas tomam ilegalmente mais áreas palestinas, além dos temidos *checkpoints*, pontos de passagem e controle no referido muro por onde os palestinos possuem horários específicos para passar, dando acesso a áreas que precisam acessar por motivos de trabalho, estudo, comércio ou acesso a serviços de saúde.

No entender de Sand (2010), o muro da Cisjordânia é um símbolo da divisão e da negação da história compartilhada de judeus e palestinos. Para o autor, a narrativa sionista que justifica o muro – que em 2025 já tinha 708 km de extensão – como medida de segurança contra atentados, serve para consolidar a expoliação de terras palestinas e manter os palestinos sob controle.

O *Human Rights Council*, em maio de 2025, revelou que nos *checkpoints* do muro que separa Israel da Cisjordânia, os palestinos sofrem diversos tipos de humilhação diária, que vão desde agressões verbais e físicas a abuso sexual de homens, mulheres e adolescentes por parte de militares israelenses (ONU, 2025c).

Não bastasse a brutalidade do tratamento recebido pelos palestinos desde 1948,

² Em 2004, o muro israelense da Cisjordânia foi declarado ilegal pelo Tribunal Internacional de Justiça de Haia, que denunciou que a barreira corta terras palestinas e isola 450 mil pessoas.

a partir de outubro de 2023, alegando agir em resposta aos atentados do Hamas, o governo de Israel passou a bombardear a Faixa de Gaza, destruindo hospitais, mesquitas, escolas, universidades e campos de refugiados, resultando na morte de civis inocentes, entre eles mulheres, idosos, crianças, médicos e jornalistas (figura 2). No decorrer das ações militares israelenses, soldados das IDF passaram a atirar em pessoas – incluindo mulheres e crianças – nas filas de distribuição de comida e água, bem como em jornalistas e socorristas da Cruz Vermelha. O governo de Israel também passou a usar a fome como arma de guerra, visando uma limpeza étnica na Faixa de Gaza (BBC, 2025; Reuters, 2025; Brasil de Fato, 2025).



Figura 2 – Palestinos em Gaza, após destruição causada por bombardeios de Israel.
Fonte: PCPSR, 2025.

A falta de empatia da população israelense pela vida dos palestinos tem relação com a educação sionista do Estado de Israel, que nas palavras de Peled-Elhanan (2023), “transforma crianças em monstros, que aos 18 anos, nas fileiras das IDF, estão tão infectados com esta doutrina que são dispostos a cometer enormes atrocidades contra os palestinos”, que são desumanizados desde os primeiros anos nas escolas israelenses e nos livros didáticos de Israel. Muitas atitudes dos soldados das IDF, como o assassinato de crianças e mulheres, são justificadas pela narrativa de que “tais atos contra os palestinos irão livrar os judeus de outro holocausto”.

Outro aspecto a ser comentado é que a narrativa difundida em Israel, que habita o imaginário coletivo dos sionistas, é pautada no mito do retorno. No entanto, Pappe

(2022) afirma que a ideia de que a Terra de Israel é a terra prometida ao povo judeu por Deus é uma construção recente, desprovida de base histórica. O autor recorda que os judeus viveram na Palestina apenas por alguns séculos, tendo sido expulsos no século II d.C. pelo Império Romano. Apenas no século XIX os judeus voltaram a ocupar a Palestina em grande número, em função do movimento sionista.

Sionismo

De acordo com Breno Altman (2025), o sionismo é uma doutrina colonial e racista, que surgiu no final do século XIX – o sionismo moderno – como uma resposta no seio do judaísmo, à perseguição que os judeus sofriam na Europa naquele momento, em especial na Europa Oriental. De acordo com a doutrina sionista, os judeus deveriam constituir um Estado próprio, um Estado étnico, um Estado de supremacia judaica. Isso porque os judeus não eram mais uma nacionalidade, os judeus tinham deixado de ser uma nacionalidade nos primeiros anos da Era Cristã. Os judeus tinham se dispersado, primeiramente pela Europa, depois, nos séculos XV e XVI para outros continentes. Assim, quando se falava em Estado judeu não estava se falando em Estado nacional judaico, porque essa nacionalidade judaica não existia, o que existia era a etnia judaica, o que é diferente de raça, a etnia é uma construção cultural e parcialmente religiosa – há muitos judeus seculares. Grande parte dos judeus nasceu – e seus antepassados também nasceram – na Europa e não no Oriente Médio, berço histórico do judaísmo.

Huberman (2023) acrescenta que o sionismo surgiu no século XIX, no leste da Europa, como um movimento nacionalista judeu inspirado no nacionalismo étnico alemão *völkish*, a mesma origem do movimento nazista da Alemanha. Cabe ressaltar que, de acordo com Anderson (2008), todas as nações são comunidades imaginadas, ou seja, todas são artificiais, construções socioculturais, embora existam processos distintos de formação das nações.

Segundo a doutrina do sionismo, um nacionalismo padrão *völkish*, são parte de uma mesma nação aqueles indivíduos que partilham uma história comum – no caso dos judeus, a história bíblica da terra prometida de Israel. Acerca deste tema, Ben-Gurion, primeiro-ministro israelense chegou a afirmar que não se importava se a história da Bíblia era verdadeira, o que importava é que as pessoas acreditavam nela (Rose, 2004). Tal narrativa moldou um passado comum entre judeus de diferentes partes do planeta, como os ashkenazi, os sefardita e os falasha, grupos que serão abordados detalhadamente mais adiante. Os judeus ashkenazi tiveram um papel fundamental na consolidação do

sionismo. Isso porque na Europa Oriental o judaísmo era percebido como mais do que uma religião, mas sim como uma etnia³ (Huberman, 2023).

Os sionistas acreditavam que os judeus eram uma nação étnica que só se libertaria com a criação de um Estado nação de maioria judaica. Como os judeus de diferentes partes do globo possuíam tradições, costumes e línguas diferentes, a cultura sionista seria formada pelas tradições judaicas e por uma língua comum – o hebraico moderno, que foi criado pelo linguista russo Eliezer Ben-Yehuda, com a contribuição de línguas modernas como o alemão, o russo e o árabe. Assim, o hebraico passou a ser a língua oficial do movimento sionista e posteriormente do Estado de Israel (Huberman, 2023).

O criador do movimento sionista foi o jornalista Theodor Herzl, um judeu austro-húngaro. O primeiro congresso sionista foi realizado sob sua liderança no ano de 1897, na cidade suíça de Basileia, onde foi debatido onde seria instalado o Estado judeu e diferentes locais foram sugeridos pelos duzentos delegados presentes (figura 3). A ideia foi embasada no mito de levar “um povo sem-terra para uma terra sem povo”. A falta de conexão dessa ideia com a realidade se dava na busca por uma terra sem nenhum habitante, algo implausível.

A maioria dos delegados presentes no congresso sionista de 1897 votou pela Palestina, se inspirando na Canaã bíblica e no Reino Unido de Israel e Judá (1.050 a.C. – 930 a.C.). Outro fato que influenciou a decisão foi que uma década antes, haviam sido criadas as primeiras colônias de judeus europeus na Palestina, em 1882, fruto da iniciativa de magnatas judeus como o barão britânico Nathan Rothschild (1840-1915), um dos homens mais ricos do mundo em seu tempo.

É importante recordar que o sionismo é uma ideologia político-religiosa que defende os interesses do grupo econômico dominante, aquele capaz de organizar a comunidade étnica e exercer o monopólio do uso da força em prol de seus interesses econômicos. Dessa forma, o sionismo não representa todos os judeus do mundo, pois muitos deles não defendem a ideia de um Estado nacional apenas para membros de uma mesma religião.

De acordo com Matos (2025), o sionismo é um projeto de dominação política levado adiante por uma fração da classe dominante do povo judeu. O autor ressalta que

³ O judaísmo no continente europeu, sobretudo na Europa Oriental, era compreendido não somente como uma religião, mas sim como uma etnia. No leste europeu, os judeus sofriram discriminação racial semelhante ao *apartheid* imposto hoje aos palestinos pelo Estado de Israel. Na Rússia czarista, os judeus viviam em áreas denominadas “zona de assentamento”, eram destituídos de muitos direitos e sofriram com os pogroms, ataques violentos, em que vilarejos eram destruídos e pessoas eram linchadas e assassinadas. Muitos dos judeus estadunidenses têm sua origem na Rússia czarista.

uma coisa é o Estado representar o povo, outra coisa é este Estado que se constitui enquanto projeto de dominação. Na defesa de interesses econômicos, essa elite utiliza, instrumentaliza a cultura milenar judaica. Exemplo disso foi o fato do próprio antisemitismo, presente na Europa nos séculos XIX e XX, ter servido de incentivo e propaganda para atrair judeus europeus para as colônias da Palestina.

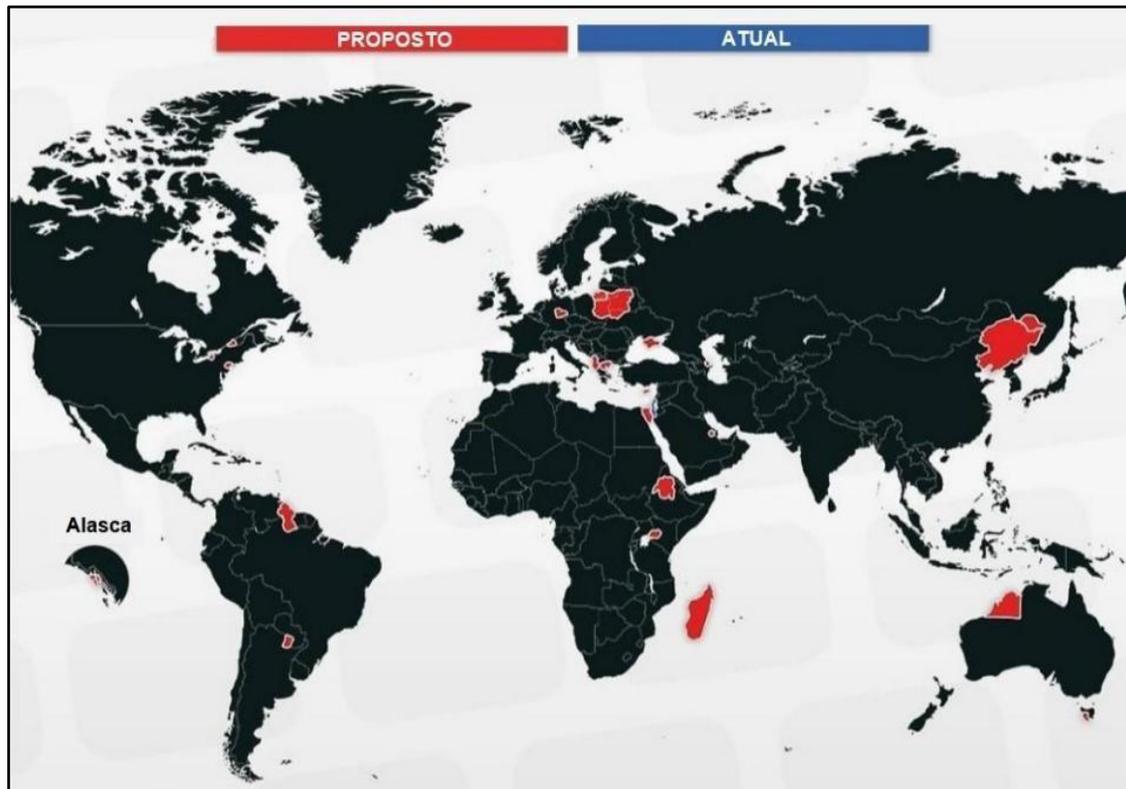


Figura 3 – Territórios sugeridos para a instalação do Estado judeu
Fonte: Amazing Maps, 2025. Adaptado pelos autores, 2025.

Cabe ressaltar que houve uma discrepância na ideia de um povo sem-terra para uma terra sem povo. Já existia uma ocupação árabe na Palestina quando se decidiu pela criação do Estado moderno de Israel, os habitantes que ali viviam eram de maioria árabe muçulmana (Pappe, 2022) e com isso o caráter de confronto da ideologia sionista se apresenta de forma clara com uma política de expulsão territorial.

O sionismo em sua origem é essencialmente laico, mas para apelar para a ala religiosa judaica e quebrar sua resistência à colonização optou-se pela Palestina, por que as linhagens mais ortodoxas entre os religiosos rejeitavam qualquer plano político que antecederesse a volta do Messias, somente então para esses religiosos poderia se falar na reconstrução da Israel bíblica, como segundo motivo se teve uma reconstrução idílica da área da palestina com motivação religiosa de “terra prometida” dos seus textos sagrados

da Torá – o conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia, que representa a lei e os ensinamentos do judaísmo. O mito do direito ao retorno foi a ideia mais forte do movimento sionista. De acordo com a crença judaica, Israel é a terra prometida que está no capítulo 12 de Gênesis.

A origem dos judeus de Israel

Na população judaica de Israel existem diferenças de status baseadas na origem étnico-geográfica, havendo três principais grupos de judeus – os ashkenazi, os sefarditas e os falasha. Tais grupos possuem fenótipos com características particulares, derivadas de suas origens geográficas. O termo ashkenazi vem da palavra hebraica para Alemanha, e diz respeito aos judeus que se estabeleceram principalmente na Europa Central e na Europa Oriental. Lá desenvolveram uma cultura e tradições distintas, incluindo o uso do iídiche, língua germânica com influência hebraica e eslava. Por sua vez, os judeus sefarditas têm origens históricas na Península Ibérica e suas tradições foram influenciadas pelas culturas locais, vide o dialeto ladino. Muitos sefarditas foram expulsos da Espanha e Portugal no fim do século XV e se estabeleceram em novas regiões, como os Países Baixos, o norte da África, o Império Otomano, e as Américas. Já os os Falasha, são um grupo étnico-religioso com raízes na Etiópia. Os indivíduos desse grupo que habitam Israel migraram a partir das décadas de 1980 e 1990.

Os israelenses de origem ashkenazi possuem um status nitidamente superior aos demais grupos. De 1948 até 2025, todos os primeiros-ministros israelenses vieram de famílias ashkenazi, com raízes na Europa Oriental, principalmente Polônia, Ucrânia e Bielorrússia. Nenhum nasceu de famílias provenientes da Palestina histórica ou descende de uma linhagem indígena ligada à região. O pai de Benjamin Netanyahu, por exemplo, era um judeu polonês e seu sobrenome, Mileikowsky, foi convertido para o hebraico, se transformando em “Netanyahu”.

A maioria dos colonos judeus que chegaram à Palestina para habitar o Estado de Israel era proveniente da Europa, em especial da antiga URSS, da Polônia e Romênia (figura 4). Fato que contraria a narrativa que enquadra o assentamento sionista como um “retorno” e não como um movimento colonial

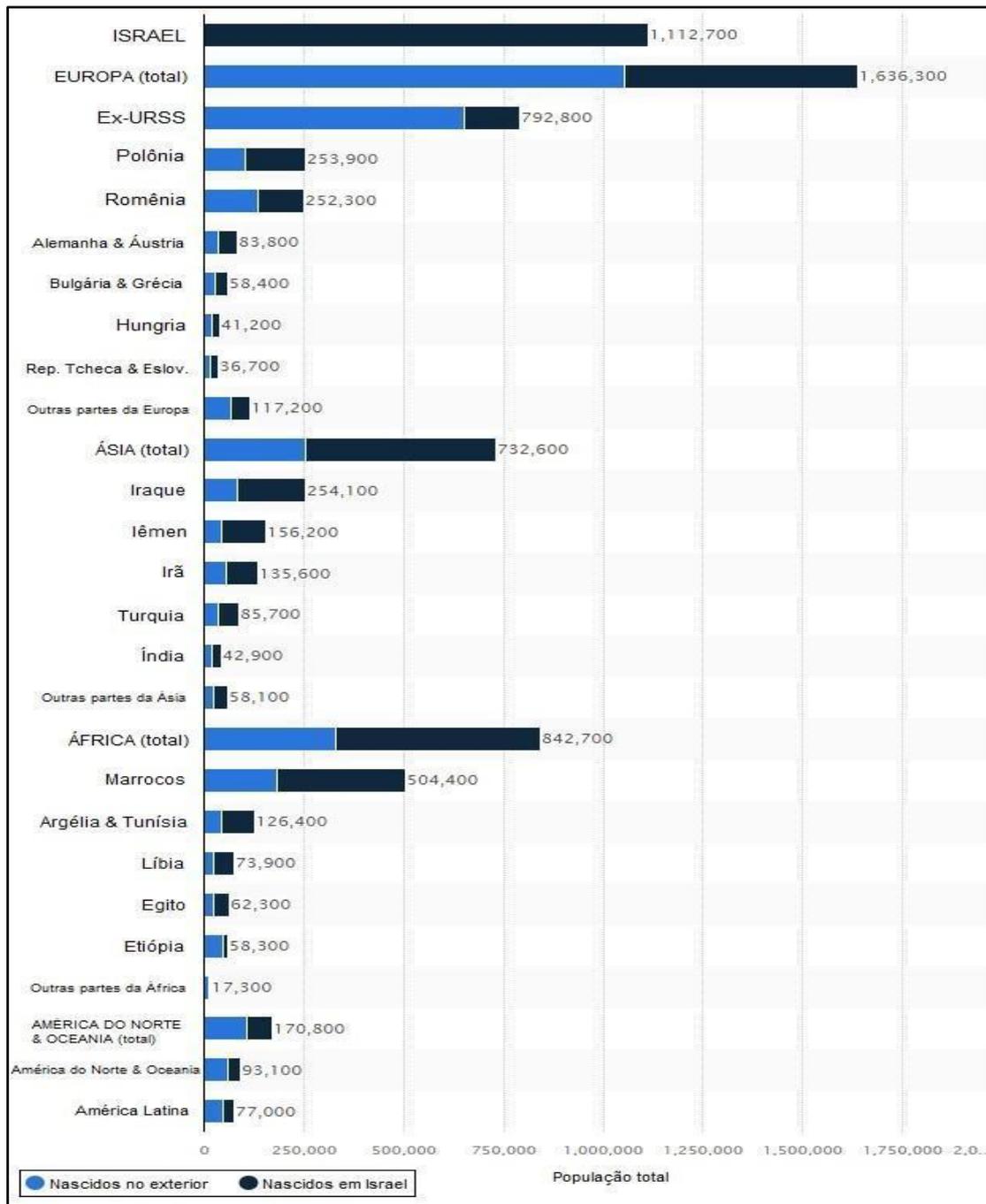


Figura 4 – População judaica de Israel por país de origem (1995)

Fonte: Statista, 2001.

Estudos genéticos e históricos, incluindo um publicado no periódico *Genome Biology and Evolution* (Elhaik, 2012), mostram que os judeus askenazi, que constituem a maior parte da liderança e da população israelense, têm ascendência predominantemente europeia, com continuidade genética mínima com o antigo Levante. Já os palestinos contemporâneos exibem continuidade genética direta com as populações da antiga

Canaã⁴ e do Levante.

Apartheid e genocídio

O Estado de Israel foi erguido sobre o território da Palestina, em uma terra roubada da população árabe palestina residente na região até 1947-48. A opressão e as hostilidades impostas pelos sionistas aos palestinos têm se sustentado em mitos religiosos. Mas basear-se em um livro sagrado para justificar a limpeza étnica de um determinado povo para a criação de um Estado para outro povo torna o argumento obsoleto, para não dizer injustificável. Segundo Altman (2023), de fato, Israel impõe o regime de *apartheid* desde 1948 no território apropriado da Palestina. Trata-se de um Estado colonialista idealizado por europeus em uma época em que boa parte do mundo era composta de colônias de países europeus.

Em resposta a tais acontecimentos, a resistência palestina passou a se organizar e em 1959 foi criado o Fatah, maior facção da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), configurando um partido de centro-esquerda nacionalista e laico. Com vistas a criar uma jihad islâmica dentro de Palestina para combater a OLP, liderada por Yasser Arafat, e gerar um racha na resistência palestina, durante a década de 1970, o governo de Israel passou a apoiar financeiramente Ahmed Yassin, líder da Irmandade Muçulmana na Faixa de Gaza, que dirigia escolas, mesquitas e clubes islâmicos. Yassin fundou, em 1987, o Hamas (Movimento de Resistência Islâmica), que recebeu apoio israelense até 1989, quando lançou os primeiros ataques contra israelenses.

No final da década de 1990, o Hamas foi contra as Cartas de Reconhecimento mútuo Israel-Palestina da OLP, da mesma forma que não concordou com os Acordos de Paz de Oslo, quando o partido Fatah renunciou ao uso do terrorismo e de atos de violência, reconhecendo Israel na busca pela solução dos dois Estados. O racha na resistência palestina se evidencia no fato do Fatah manter o controle da autoridade nacional palestina na Cisjordânia desde 2006, enquanto o Hamas governa a Faixa de Gaza desde 2007.

Nas últimas três décadas, as relações entre palestinos e israelenses foram

⁴ Canaã designa uma região geográfica no Oriente Médio que corresponde aproximadamente ao atual Israel, Líbano, Palestina e partes da Jordânia e da Síria, podendo se referir também à terra prometida aos israelitas na Bíblia. Já o termo Levante corresponde a uma grande área no Oriente Médio, situada ao sul dos Montes Tauro, delimitada pelo Mar Mediterrâneo a oeste, pelo deserto da Arábia ao sul e pela Mesopotâmia a leste.

deterioradas e o processo de paz sabotado pela atuação de uma figura política que ocupou o cargo de primeiro-ministro de Israel em três ocasiões, de 1996 a 1999, de 2009 a 2021 e desde 2022: Benjamin Netanyahu.

No último pleito, o Likud, partido conservador, de direita, de Netanyahu, venceu com o apoio de partidos ultraortodoxos e do Sionismo Religioso, formando o governo mais extremista da história de Israel. Assim, quando dos atentados de outubro de 2023, o governo do Estado de Israel não se ateve apenas em libertar os reféns, tendo encontrado uma justificativa para expulsar o povo palestino da Faixa de Gaza, com o objetivo final de criar o Grande Israel.

Face aos ataques desproporcionais de Israel, fortemente influenciada pelo lobby sionista, a mídia ocidental (representada pelos grandes grupos de comunicação dos EUA e da UE) não difunde críticas ao governo Netanyahu. Da mesma forma, Estados nacionais e organizações internacionais não impuseram sanções a Israel (para que este não possa comprar petróleo e gás, para que não possa vender seus produtos bélicos e tecnológicos, por exemplo), pois os sionistas estão nos centros de poder dos principais países do mundo, atuando em áreas como finanças, comunicações, política, entre outras.

No entender de Josep Borrell (2025), ex-presidente do Parlamento Europeu, o que ocorre em Gaza desde o final de 2023 é uma tragédia inominável. Em relação à posição da Europa quanto ao tema, Borrell afirma que o continente ficou desacreditado completamente frente ao resto do mundo, porque demonstrou que a vida dos palestinos não importa. Com exceção da Espanha e da Irlanda, todos os demais países europeus pareceram afirmar a Netanyahu: “Que pena, está matando gente demais, mas te deixamos continuar fazendo isso com nossas armas”.

Segundo Borrell (2025), está ocorrendo em Gaza “uma das maiores tragédias contemporâneas, que não nos permitem ver, porque Israel tem imposto um *blackout* informativo total na grande mídia ocidental, enquanto 2 milhões de pessoas morrem de fome porque o governo de Israel deseja”. Corroborando este pensamento, em 9 de julho de 2025, em discurso no parlamento da Turquia, o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, afirmou que eram inaceitáveis as cenas vindas da Faixa de Gaza, denunciando que ali ocorre uma barbárie contemporânea. O presidente turco afirmou que 2 milhões de pessoas tentam sobreviver em Gaza, sendo que 80% do território está em ruínas e civis inocentes estão completamente condenados à fome, à sede e à falta de remédios. Em meio ao cenário de caos, Israel bombardeia pessoas inocentes que se reúnem em pontos de distribuição de ajuda. Assim, Netanyahu superou Hitler com folga no crime do genocídio (Acento, 2025).

A ausência de humanidade em relação aos palestinos por parte dos sionistas não é fato novo e pode ser comprovada no episódio das camisetas usadas por soldados israelenses em 2009. Naquele ano, o jornal israelense Haaretz revelou que jovens soldados de Israel faziam piadas sobre os palestinos que matavam e estavam usando camisetas com gravuras que caçoavam dos palestinos. Uma delas tinha a gravura de uma mulher árabe grávida com um alvo sobreposto e os dizeres “um tiro, duas mortes” (figura 5). (San Diego Tribune, 2016).



Figura 5 – Camiseta de soldados israelenses das IDF com a frase: “1 tiro 2 mortes”
Fonte: San Diego Tribune, 2016.

De acordo com Nurit Peled-Elhanan (2019), a falta de empatia de boa parte da população israelense pela vida dos palestinos tem origem em um projeto racista e colonial contra a população palestina. Projeto que sustenta Israel como uma etnocracia, um Estado governado por um grupo étnico específico e dominante. Este projeto influencia a educação que as crianças israelenses recebem no colégio. Livros didáticos israelenses e o sistema de educação do país objetivam educar as crianças e adolescentes para se tornarem soldados e temerem os palestinos.

O conflito nos tempos modernos

Em 2025, o governo de Israel passou a escalonar o conflito em Gaza e passou a bombardear a Síria, o Líbano, o Iêmen e o Irã. Para os geógrafos Edilson Adão Cândido da Silva e Gustavo Blum, Netanyahu precisa manter a guerra para evitar sua própria queda e consequente detenção em decorrência de sérias denúncias contra ele – o primeiro-ministro israelense foi indiciado em 2019 por acusações de suborno, fraude e quebra de confiança, sendo que o julgamento teve início em 2020 e envolve três casos criminais (Unicamp, 2024).

São três acusações diferentes: a) a acusação de que o primeiro-ministro de Israel recebeu, em forma de joias, charutos e garrafas de champanhe, cerca de 200 mil dólares de pessoas influentes e ricas, especialmente de Arnon Milchan, produtor israelense de diversos filmes de Hollywood, como “12 Anos de Escravidão” e “O Regresso” (AFP, 2023); b) a acusação de que Netanyahu teve uma relação criminosa com a Bezeq Telecom Israel (principal empresa de telecomunicações do país), consistindo em uma troca entre favores regulatórios em benefício da empresa por uma cobertura favorável à imagem do primeiro-ministro e de sua esposa por parte de um site de notícias sob controle do até então presidente da Bezeq Telecom; c) Netanyahu também foi acusado de firmar um acordo com o Yedioth Ahronoth através de uma troca – cobertura positiva de sua imagem por uma legislação com o objetivo de retardar a abrangência de um jornal rival (G1, 2019).

A estratégia de Netanyahu por trás das guerras deflagradas contra diferentes países do Oriente Médio foi revelada pelo ex-presidente Bill Clinton. Segundo o ex-mandatário estadunidense, “o senhor Netanyahu tem sempre querido lutar contra o Irã porque assim ele pode permanecer no cargo para sempre” (Roya News, 2025). Ao atacar o Irã em junho de 2025, Netanyahu garantiu apoio da população de Israel. Em junho de 2022, 73% dos israelenses apoiavam os ataques ao Irã, enquanto 18% eram contrários. Além disso, 76% dos israelenses acreditavam que os ataques garantiam a segurança do país (Agência Anadolu, 2025).

Repercussão do conflito na grande mídia corporativa brasileira

A partir de outubro de 2023, a grande mídia brasileira tem apresentado o conflito Israel x Palestina, que se converteu em um verdadeiro genocídio, com uma narrativa carregada de maniqueísmo, uma visão compartilhada pelos âncoras dos principais canais

de tv, completamente pró-Israel. De acordo com Fishman (2023), os jornais brasileiros são mais pró-Israel do que a própria imprensa israelense, como pode ser evidenciado ao compararmos a matéria do jornal israelense Haaretz com as manchetes de grandes veículos de imprensa brasileiros (figura 6) ao noticiarem os episódios de outubro de 2023. Para a maior parte da grande mídia brasileira, as únicas vítimas que merecem empatia são as de Israel.



Figura 6 – Coberturas do jornal Haaretz e da grande mídia brasileira
Fonte: Fishman, 2023.

Segundo Peled-Elhanan (2023), o racismo da educação israelense é compartilhado pelos países ocidentais. O discurso da grande mídia ocidental sobre o conflito Israel-Palestina não contextualiza a ocupação militar israelense. As grandes agências de notícias internacionais, como AP, Reuters, AFP e EFE, difundem a imagem de Israel como uma democracia que precisa ser protegida, não demonstrando o contexto real. No Brasil não é diferente, os grandes veículos de imprensa – Globo, Record, SBT, grupo Folha e Band – divulgaram uma narrativa semelhante sobre os atentados do Hamas em outubro de 2023.

No programa Fantástico, da Rede Globo, o episódio do atentado do Hamas chegou a ser descrito da seguinte maneira: “jovens estavam festejando a vida, e do nada as pessoas que querem a morte interrompem isso”. A reportagem divulgada no referido programa, que foi ao ar do dia 8 de outubro de 2023, teve 40 minutos de duração, sendo que a maior parte foi dedicada ao ponto de vista israelense e poucos minutos foram

dedicados ao lado palestino. O episódio ocorreu no festival *Tribe of Nova Universo Paralello Edition*, versão israelense do festival brasileiro Universo Paralello. A festa ocorria na vila de Re'im, nas proximidades da fronteira com a Faixa de Gaza, onde 2 milhões de palestinos viviam em um território de 365 km² controlado pelas IDF. No dia 7 de outubro, 260 pessoas que estavam na *rave* foram assassinadas por membros do Hamas. Naquele mesmo dia, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, declarou guerra e as forças armadas de Israel passaram a atacar Gaza (Peled-Elhanan, 2023).

A ocorrência de uma festa *rave* em território israelense, ao lado da fronteira com a Faixa de Gaza é, no entender de Paled-Elhanan (2023), um exemplo de como no Estado de Israel a vida de um grupo determinado de pessoas, com um dos mais elevados padrões de vida entre os países, é festejada, entoando a retórica da liberdade, enquanto do outro lado do muro, os palestinos padecem de falta de eletricidade, água potável e comida.

Segundo Hedges (2025), cerca de 90% da Faixa de Gaza havia sido destruída entre outubro de 2023 e junho de 2025, 1,9 milhões de pessoas haviam sido deslocadas e oficialmente 50 mil pessoas haviam morrido. Mas os números não devem ser os reais, pois os soterrados não são contabilizados como mortos. Os mortos devem chegar a aproximadamente 200 mil. As IDF explodiram o hospital de câncer de Gaza, doado pela Turquia, em 21 de março de 2025, e explodiram ainda as universidades de Gaza em demolições programadas. Por semanas as IDF impediram a entrada de comida em Gaza, objetivando matar de fome os palestinos.

A imagem do Estado de Israel em âmbito global

O genocídio levado adiante contra os palestinos pelo Estado de Israel tem produzido uma imagem negativa não apenas dos sionistas ou das IDF. Em muitos países, símbolos judeus têm passado a ser identificados com o governo Netanyahu e esta situação vem resultando em manifestações populares. Algumas consideradas antisemitas. Na Alemanha, por exemplo, em setembro de 2024, uma estação de metrô de Dortmund foi grafitada (figura 7) com a suástica no interior da estrela de Davi, acompanhada dos dizeres “*The irony of becoming what you once hated*” – A ironia de ter se tornado o que um dia você odiou (tradução livre) (Nordstadt, 2024).

Outro elemento a ser ressaltado é que a influência do complexo militar-industrial estadunidense tanto na presidência dos EUA como na política externa do país é um fator agravante dos conflitos internacionais, em especial os que ocorrem no Oriente Médio.

Somado a este fato, o lobby sionista em Washington agrega apoio e recursos militares a Israel, independente do partido que ocupa o poder. Nesse sentido, em 2024, o governo Biden aprovou o financiamento de US\$ 95 bilhões em ajuda militar para Israel, Ucrânia e Taiwan (EUA, 2024).



Figura 7 – Grafite em estação de metrô de Dortmund, Alemanha
Fonte: Nordstadt, 2024.

No ano seguinte, as vendas de armas dos EUA para governos estrangeiros aumentaram 29%, para uma cifra recorde de US\$ 318,7 bilhões. As empresas mais beneficiadas foram a Lockheed Martin, a General Dynamics, a Northrop Grumman, a Boeing e a Raytheon. As vendas aprovadas em 2024 incluíram US\$ 18,8 bilhões em jatos F-15 para Israel (Stone, 2025).

Contando com o apoio do governo dos Estados Unidos, o Estado de Israel leva adiante sua campanha de genocídio e de limpeza étnica contra os palestinos. O lobby pró-Israel nos EUA é bastante influente na política externa do país mais poderoso do planeta, sendo preciso ressaltar o papel do AIPAC – *American Israel Public Affairs Committee*, ou Comitê Americano de Assuntos Públicos de Israel, em português –, organização pró-Israel, criada em 1959, que atua nos EUA para fortalecer a relação entre os dois países. Atuando sobretudo nas questões de segurança e defesa, o AIPAC influencia a política externa estadunidense, promovendo políticas que beneficiam o Estado de Israel (Pinto, 2015).

A organização apoia fortemente os partidos de direita de Israel, como o Likud, de Netanyahu. Considerado um dos lobbies mais poderosos dos EUA, o AIPAC organiza anualmente uma conferência em Washington que conta com a presença de políticos de máximo nível, como o primeiro-ministro de Israel e o presidente dos EUA. Nomes como Clinton, Bush, Obama, Trump e Biden já estiveram no evento.

Outro dado importante a ser destacado é o fato de que 6 % dos congressistas estadunidenses serem de fé judaica, estando sobrerrepresentados em comparação com a sua representação na população do país, que é de cerca de 2%. No ano de 2025, havia 10 senadores judeus e 25 membros judeus na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos (C-SPAN, 2025).

Conclusão

Este trabalho apresentou uma abordagem geopolítica do drama palestino, da espoliação de terras, a partir da metade do século XX e do regime de *apartheid* imposto por Israel à população palestina, que derivou no atual momento, marcado por uma limpeza étnica levada adiante pelo governo Netanyahu.

Trata-se de uma narrativa científica e acadêmica que objetivou desconstruir estereótipos disseminados pela mídia corporativa, bem como mitos religiosos e *fake news* difundidos tanto pela comunidade sionista do Brasil como também por integrantes de igrejas neopentecostais e políticos brasileiros.

De maneira sintética, podemos afirmar que o Estado de Israel não é uma democracia, mas sim uma etnocracia, um sistema em que um grupo étnico domina os demais. Israel pode ser classificado também como um sistema de *apartheid*. Além disso, a natureza da criação do Estado de Israel pode ser comparada a outros projetos coloniais europeus, como os desenvolvidos na África do Sul, na Austrália e nos Estados Unidos, onde um povo indígena (no caso de Israel, os palestinos) é subjugado e deslocado por um povo colonizador (os judeus sionistas) para estabelecer um novo Estado nacional em terras pertencentes ao povo indígena.

Ao massacrar os palestinos em Gaza e destruir suas casas e seu modo de vida, o governo de Israel promove o genocídio. Por sua vez, este não é apenas o extermínio de um povo, mas também de seu habitat, de sua história e de sua cultura. Por outro lado, o genocídio cometido pelo Estado de Israel tem produzido uma imagem negativa não apenas dos sionistas ou das IDF, chegando a refletir em todos os símbolos do judaísmo e mesmo nos judeus não sionistas, que frequentemente têm sido relacionados com o

governo Netanyahu e percebidos de forma negativa, em manifestações que chegam a ser consideradas antissemitas.

O fato é que o sionismo instrumentaliza a história, a cultura e a religião judaicas para defender os interesses de sua elite político-econômica. Hoje, a liquidação do sionismo é algo que serviria para o bem da comunidade judaica em todo o planeta. É possível afirmar que o Estado de Israel é, atualmente, o principal causador de ódio aos judeus e é muito difícil fazer a separação entre judaísmo e sionismo no senso comum.

The Palestinian Drama: Land Dispossession, Apartheid, and Genocide

Abstract: In October 2023, the historic conflict between Israel and Palestine, which began in 1948, made headlines in the international press. However, the mainstream western media's narrative on the issue omits the underlying motive behind Israel's disproportionate response to Hamas attacks, downplays the genocidal campaign against Palestinians, and downplays Prime Minister Netanyahu's escalation of the conflict. Given the complexity of the issue, this article seeks, through a geopolitical analysis of the Palestinian drama, to highlight the process of apartheid and genocide, which are accompanied by the State of Israel's land grabbing.

Keywords: Palestine. Zionism. Apartheid. Genocide.

El drama palestino: expoliación de tierras, apartheid y genocidio

Resumen: En octubre de 2023, el histórico conflicto entre Israel y Palestina, iniciado en 1948, acaparó titulares en la prensa internacional. Sin embargo, la narrativa de los principales medios occidentales sobre el tema omite el motivo subyacente a la respuesta desproporcionada del gobierno israelí a los ataques de Hamás, minimiza la campaña genocida contra los palestinos y minimiza la escalada del conflicto por parte del primer ministro Netanyahu. Dada la complejidad del asunto, este artículo busca, mediante un análisis geopolítico del drama palestino, visibilizar el proceso de apartheid y genocidio, acompañado del acaparamiento de tierras por parte del Estado de Israel.

Palabras clave: Palestina. Sionismo. Apartheid. Genocidio.

Referências

ACENTO. Netanyahu a superado con creces a Hitler en el crimen del genocidio. **Acento Diario**, 9 jul. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DLC2pkuJFmG/?igsh=dmIyMWVmYzRueGtk>. Acesso em: 10 jul. 2025.

AFP. Justiça de Israel retoma processo por corrupção contra Netanyahu. **Carta Capital**, 04 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/justica-de-israel-retoma-processo-por-corrupcao-contra-netanyahu/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

AGÊNCIA ANADOLU. Netanyahu's political future uncertain despite public support for war on Iran. **AA**, 25 jun. 2025. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/netanyahu-s-political-future-uncertain-despite-public-support-for-war-on-iran/3613469>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ALTMAN, Breno. **Contra o sionismo**. Retrato de uma doutrina colonial e racista. São

Paulo: Alameda, 2023.

ALTMAN, Breno. Breno Altman responde o que é o sionismo e como ele está ligado na criação do Estado de Israel. **ICL**, 10 jun. 2025. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=fdh_62MPQwM. Acesso em: 10 jul. 2025.

AMAZING MAPS. Places which have been historically proposed as Jewish states. 29 jun. 2025. Instagram: **@amazing__maps**. Disponível em: https://www.instagram.com/amazing__maps/p/DLdIofIs7du/. Acesso em: 03 jul. 2025.

AMNESTY INTERNATIONAL. Israel's apartheid against Palestinians: a cruel system of domination and a crime against humanity. **AI**, 1 fev. 2022. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2022/02/israels-apartheid-against-palestinians-a-cruel-system-of-domination-and-a-crime-against-humanity/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
BORRELL, Josep. Lo que está pasando en Gaza es una tragedia sin nombre. Europa se ha desacreditado completamente frente al resto del mundo. **La Vanguardia**, 11 maio 2025. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/internacional/20250511/10660024/gaza-europa-desacreditado-completamente-frente-resto-mundo.amp.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BBC. 'Éramos todos civis': o relato do único sobrevivente do ataque que matou 15 socorristas em Gaza e que contradiz versão de Israel. **BBC News Brasil**, 4 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cewgxk4vxz7o>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL DE FATO. Israel mata 59 em Gaza, incluindo crianças em centro de distribuição de água. **Brasil de Fato**, 13 jul. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/07/13/israel-mata-59-em-gaza-incluindo-mulheres-criancas-e-10-em-centro-de-distribuicao-de-agua/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

C-SPAN. Members of the 119th Congress. Washington: **Congressional Chronicle 2025**. Disponível em: <https://www.c-span.org/congress/members/?chamber=house&congress=119&all>. Acesso em: 13 jul. 2025.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

CHOMSKY, Noam. Part of the tragedy of the Palestinians is they have no international support. **Al Jazeera**, 22 out. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CysqJ7ZslaR/>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CNN. Lula na França: "O que acontece em Gaza é genocídio". **CNN Brasil**, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lula-na-franca-o-que-acontece-em-gaza-e-genocidio/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ELHAIK, Eran. The Missing Link of Jewish European Ancestry: Contrasting the Rhineland and the Khazarian Hypotheses. **Genome Biology and Evolution**, v. 5, issue

1, jan. 2013, p. 61–74. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28680441/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

EUA. Department of Defense. Supplemental bill becomes law, provides billions in aid for Ukraine, Israel, Taiwan. **USDD**, 24 abr. 2024. Disponível em: <https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/3754718/supplemental-bill-becomes-law-provides-billions-in-aid-for-ukraine-israel-taiwan/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FISHMAN, Andrew. Maior jornal de Israel culpa Benjamin Netanyahu pela violência, não Hamas. **Intercept Brasil**, 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/10/11/maior-jornal-de-israel-culpa-benjamin-netanyahu-por-violencia-nao-hamas/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

G1. Netanyahu é indiciado por crimes de suborno, fraude e quebra de confiança. **G1**, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/21/netanyahu-e-indiciado-por-crimes-de-suborno-fraude-e-quebra-de-confianca.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2024.

HEDGES, Christopher Lynn. The annihilation of Gaza culture. **RP # 249**, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/mqH0Te4KrW4>. Acesso em: 10 jul. 2025.

HUBERMAN, Bruno. A armadilha do nacionalismo étnico-cultural judaico e o genocídio em Gaza. **Revista Rosa**, 6 nov. 2023. Disponível em: <https://revistarosa.com/8/israel-palestina/a-armadilha-do-nacionalismo-etnico-cultural-judaico-e-o-genocidio-em-gaza#notarodap%C3%A91>. Acesso em: 13 jul. 2025.

IMEU. Institute for Middle East Understanding. **Quick facts**: the Palestinian Nakba. 2023. Disponível em: <https://imeu.org/article/quick-facts-the-palestinian-nakba>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MATOS, Humberto. Breno Altman revela pacto entre sionistas e nazis. **Canal Humberto Matos**, 25 jun. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9M7X9pA9Mj>. Acesso em: 14 jul. 2025.

NORDSTADT. Graffiti-Künstler verbreitet antisemitische und islamistische Inhalte auf Dortmunds Straßen. **Nordstadtblogger** 17 set. 2024. Disponível em: <https://www.nordstadtblogger.de/graffiti-kuenstler-verbreitet-antisemitische-und-islamistische-inhalte-auf-dortmunds-strassen/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ONU. **Report of the United Nations Special Committee on Palestine (UNSCOP)**. A/364, 3 set. 1947. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-179435/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

ONU. **UNRWA in numbers**, jun. 2025a. Disponível em: <https://www.unrwa.org/?id=253>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ONU. **Human Development Report 2025**. NY: ONU, 2025b. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20250506064128/https://hdr.undp.org/content/huma>

n-development-report-2025. Acesso em: 14 jul. 2025.

ONU. “More than a human can bear”: Israel's systematic use of sexual, reproductive and other forms of gender-based violence since 7 October 2023. **Human Rights Council**. 13 mar. 2025c. Disponível em: <https://www.ohchr.org/sites/default/files/documents/hrbodies/hrcouncil/sessions-regular/session58/a-hrc-58-crp-6.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PAPPE, Ilan. **Dez mitos sobre Israel**. Rio de Janeiro: Tabla, 2022.

PCPSR. War on the Gaza Strip. **Policy and Survey Research**, 6 maio 2025. Disponível em: <https://pcpsr.org/en/node/997>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PELED-ELHANAN, Nurit. **Ideologia e propaganda na educação**: A Palestina nos livros didáticos israelenses. São Paulo: Boitempo, 2019.

PELED-ELHANAN, Nurit. The role of Israel's education system in dehumanising the Palestinian. **CEIS20 Podcast**, 27 nov. 2023. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2023a.

PELED-ELHANAN, Nurit. Racista e militarizada: como é a educação em Israel. Entrevista para Júlia Dolce. **Agência Pública**, 18 out. 2023b. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/racista-e-militarizada-como-e-a-educacao-em-israel/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

PINTO, Lucas Vasconcelos. **O American Israel Public Affairs Committee (AIPAC) e sua influência na política externa dos Estados Unidos**. 123 f. Dissertação (Mestrado). PPG em Relações Internacionais San Tiago Dantas. São Paulo: UNESP, Unicamp, PUC-SP, 2015.

REUTERS. Ataque israelense mata 30 pessoas em Gaza, incluindo jornalista e funcionário dos serviços de resgate, diz Hamas. **G1**, 25 maio 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/05/25/ataque-israelense-mata-23-pessoas-em-gaza-incluindo-jornalista-e-paramedico-diz-hamas.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2025.

RFI. Número de mortos na Faixa de Gaza é muito maior que o divulgado. **Radio France Internationale**, 8 jul. 2025. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/mundo/20250708-n%C3%BAmero-de-mortos-na-faixa-de-gaza-%C3%A9-muito-maior-que-o-divulgado-diz-pesquisa>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ROSE, John. **The Myths of Zionism**. Londres: Pluto Press, 2004.

ROYA NEWS. Bill Clinton: Netanyahu wants war with Iran to stay in power. **Roya News**, 21 jun. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/31YeVJPUe3E>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SAID, Edward. **A Questão Palestina**. São Paulo: Unesp, 2011.

SAN DIEGO TRIBUNE. Israeli soldiers' shirts joke about killing Arabs. **San Diego Tribune**, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.sandiegouniontribune.com/2009/03/23/israeli-soldiers-shirts-joke-about-killing-arabs/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SAND, Shlomo. **The Invention of the Jewish People**. Londres: Verso, 2010.

STATISTA. Jewish population of Israel by country of origin in 1995. In: **Statista Research Department**, 1 jan. 2001. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1396717/israel-jewish-pop-country-origin-historical>. Acesso em: 7 jun. 2024.

STONE, Mike. Exportações de armas dos EUA atingem recorde em 2024 devido à demanda relacionada à Ucrânia. **Reuters**, 24 jan. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/aerospace-defense/ukraine-related-demand-sends-us-arms-exports-record-2024-2025-01-24/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

UNICAMP. A guerra de devastação no Oriente Médio: entenda a nova geopolítica do conflito. **Unicamp Tv**, 8 out. 2024. 42min41s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8YSV8YSSKOY>. Acesso em: 10 out. 2024.

Sobre os autores

Camilo Pereira Carneiro Filho - Doutor em Geografia. Professor do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

Tomás Mols - Graduando em Geografia (licenciatura) pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É membro do grupo de estudos Limes - Geopolítica, Fronteiras e Integração Regional (UFG). Também é membro do Observatório do Estado Social Brasileiro. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC).

Recebido para avaliação em julho de 2025

Aceito para publicação em setembro de 2025